Na Mídia

27/01/2025 | Valor Econômico

M&As na Argentina podem chegar a US$ 10 bi em 2025

Com inflação em queda e superávit fiscal, perspectivas de novos investimentos crescem, mas país ainda amarga custos sociais sob Milei

Robson Rodrigues | Michael Esquer

Megacampo de gás natural ("shale gas")Vaca Muerta é um polo estratégico operado por grandes empresas, com potencial para atrair novos investimentos — Foto: Reprodução/YPF

Com as reformas econômicas promovidas pelo presidente Javier Milei, o mercado financeiro projeta uma forte expansão nos investimentos em fusões e aquisições na Argentina. O volume de transações subiu de US$ 1,2 bilhão

em 2023 para US$ 3,74 bilhões em 2024. Para 2025, as projeções do banco suíço UBS BB apontam que o montante pode chegar a US$ 10 bilhões.

Esse valor pode até subir a US$ 20 bilhões a depender das privatizações prometidas. As medidas em curso em 2024 reduziram a inflação, levaram o país, pela primeira vez em 15 anos, a alcançar superávit primário e nominal, melhoraram o perfil da dívida e trouxeram perspectivas positivas de crescimento do PIB.

Apesar dos resultados macroeconômicos, analistas lembram que o ajuste fiscal implementado por Milei deteriorou o bem-estar da população, afetando áreas sensíveis como saúde, educação e alguns programas sociais. Além disso, mais da metade da população está em situação de pobreza.

Ainda não há grandes evidências que confirmem um movimento específico envolvendo empresas, diretamente atribuível à posse de Milei. No entanto, com a agenda de liberalização econômica, dolarização e redução da intervenção estatal, analistas especulam que o ambiente de negócios pode ter se tornado mais atrativo em 2025.

Em entrevista ao Valor, o responsável pela área de ECM do UBS na América Latina, Billy McArthur, diz que a expectativa de uma recessão na Argentina vem diminuindo, enquanto o mercado aumenta as discussões sobre fusões e aquisições e interesse nos mercados de capitais.

“A eficiência desse regime dependerá da estabilidade política e econômica”

— **José Setti Diaz**

“Esse movimento é impulsionado pela melhora na macroeconomia, fomentando não apenas as fusões e aquisições, mas também os mercados de capitais de forma geral. É um cenário positivo para a Argentina, especialmente em um momento em que a América Latina tem enfrentado desafios significativos nos últimos dois anos.”

Entre os setores de forte interesse para investidores internacionais destacam-se as empresas dos ramos de petróleo, gás e energias renováveis, com atenção especial para a região de Vaca Muerta. Grandes empresas, como Shell, Chevron, J&F, Petrobras e Pan American Energy expandiram atuação no país em 2024.

Em tecnologia, startups e empresas argentinas do setor, como Globant e Mercado Livre, estimulam o mercado e podem gerar movimentações em companhias menores. A agroindústria é outro setor em que a Argentina é uma grande produtora.

Por outro lado, McArthur destaca que um dos grandes desafios enfrentados pelo país vizinho tem sido a escassez de reservas em dólares americanos, o que impacta a estabilidade econômica e a criação de uma paridade sustentável. O responsável pelo banco de investimento do UBS BB, Anderson Brito, acrescenta que o nível de confiança dos investidores em relação à Argentina continua crescendo e tem sido suportado por um mercado de ações que subiu 114% em dólares em 2024, cortes de custos e estabilização da economia.

O responsável pela área de energia e infraestrutura da boutique de investimentos Araújo Fontes, Márcio Santiago, diz que empresas brasileiras e fundos de infraestrutura com mandato regional voltaram a olhar o mercado argentino, enquanto outros já anunciaram os primeiros investimentos.

“As regras de repatriação de capital estrangeiro ainda são restritivas, o que deverá segurar, no curto prazo, um fluxo mais intenso de investimento externo direto naquele país. Mas é possível que isso seja relaxado nos próximos dois anos.”

Do ponto de vista político, o diretor da Dominium Consultoria Política, Leandro Gabiati, diz que, de alguma forma, Milei está cumprindo o que prometeu para a política econômica da Argentina, vide o ajuste fiscal do primeiro ano de seu mandato, que ajudou a desacelerar a inflação, feito tido como o maior êxito do presidente desde sua posse.

As expectativas em torno do futuro econômico do país, diz ele, têm melhorado, mas, politicamente, o Congresso ainda é uma pedra no sapato.

“Milei ainda continua sem ter maioria própria [no Congresso], sem apoio de governadores. Um exemplo disso é que a Argentina encerrou o ano sem ter o orçamento de 2025 aprovado”.

O cenário, afirma Gabiati, pode criar incertezas para o investidor e, politicamente, adiar ou reduzir o ritmo de fusões e aquisições. Ainda assim, o que favorece o mapa dessas operações no país, e alimenta a expectativa dos investidores, são os resultados econômicos do país.

“Você tem a bolsa com números positivos, índice de risco-país e juros caindo”, diz Gabiati, que aponta as eleições de meio mandato no fim deste ano como a oportunidade para Milei aumentar seu apoio no Congresso.

Doutor em relações internacionais e professor de história da Universidade de Brasília (UnB), Carlos Vidigal diz que a estabilização do peso e a desaceleração da inflação argentina foram obtidas com o fim de novas emissões de moedas e maior controle de gastos públicos. O resultado foi o aumento do número de argentinos na condição de pobreza e miséria e um impacto negativo sobre a classe média de menor poder aquisitivo.

“A maior parte dos cortes e aumento de controles foi sobre programas sociais”, diz o historiador, que cita como exemplo as reduções no programa que fornece renda monetária mensal a famílias argentinas com filhos menores de 18 anos ou com deficiência.

“O governo procurou eliminar intermediários vinculados ao kirchnerismo, que serviam de cabos eleitorais, mas este e outros programas foram mantidos. A dúvida é saber se o governo argentino conseguirá atender às expectativas dos grupos mais pobres, por meio da geração de empregos ou mais gastos com programas sociais”.

O historiador frisa que experiências neoliberais na América Latina nas últimas décadas não conseguiram entregar a estabilização monetária, retomada de investimentos, geração de empregos e melhores condições de trabalho.

Ele afirma que boa parte das empresas públicas argentinas foram privatizadas à época do ex-presidente Carlos Menem, nos anos 1990, e atualmente restam poucas companhias em condições de serem privatizadas com bom retorno. “As idas e vindas da Aerolíneas Argentinas talvez tornem a empresa pouco atrativa para investidores estrangeiros”, diz, sobre uma das estatais no radar de Milei.

Em relação a outras estatais, Milei fez sua primeira privatização no início do mês. O governo vendeu as ações da metalúrgica Impsa para um grupo liderado pela ARC Energy, empresa dos EUA. Já a privatização da YPF, petroleira estatal, não está mais incluída nas reformas.

José Setti Diaz, sócio das áreas de fusões e aquisições e comércio internacional e aduaneiro do Demarest, diz que Milei tem promovido reformas e ajudado a garantir um ambiente de maior segurança jurídica para investidores estrangeiros, especialmente com o Regime de Incentivos para Grandes Investimentos (RIGI).

“Esse regime introduziu benefícios fiscais, garantias legais e incentivos específicos, mas, na prática, acreditamos que a eficiência desse regime dependerá ainda da estabilidade política e econômica”.